



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

KARLA TATIANY SOUZA SILVA

**FRATURAS IDENTITÁRIAS E PERFORMATIVIDADE DE
GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE KAMALA KHAN EM *MISS
MARVEL: SUPERFAMOSA***

CAMPINA GRANDE – PB

2018

KARLA TATIANY SOUZA SILVA

FRATURAS IDENTITÁRIAS E PERFORMATIVIDADE DE
GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE KAMALA KHAN EM *MISS
MARVEL: SUPERFAMOSA*

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa – da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão de curso,
sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosângela de
Melo Rodrigues.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

S586f Silva, Karla Tatiany Souza.
Fraturas identitárias e performatividade de gênero : um estudo sobre Kamala Khan em *Miss Marvel : Superfamosa* / Karla Tatiany Souza Silva. - Campina Grande, 2018.
67 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues".
Referências.

1. Quadrinhos - Análise. 2. Kamala Khan. 3. *Miss Marvel*. 4. Gênero. 5. Performatividade. 6. Identidade Fragmentada. I. Rodrigues, Rosângela de Melo. II. Título.

CDU 81'42:741.5(043)

Karla Tatiany Souza Silva

**FRATURAS IDENTITÁRIAS E PERFORMATIVIDADE DE
GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE KAMALA KHAN EM *MISS
MARVEL: SUPERFAMOSA***

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao curso de Letras – Língua Portuguesa – da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 10 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Rosângela de Melo Rodrigues

Prof^a. Dr^a. Rosângela de Melo Rodrigues – UFCG
(Orientadora)

Prof^a. M^a. Milene Bazarim – UFCG
(Examinadora)

Sinara de Oliveira Branco

Prof^a. Dr^a. Sinara de Oliveira Branco – UFCG
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE – PB
2018

Dedico este texto aos meus pais, pelo
sempre incondicional apoio.

AGRADECIMENTOS

Eu poderia resumir esta parte agradecendo a Deus não “apenas” por tudo, mas reconhecendo que Ele me proporcionou além de minha existência, usufruir da oportunidade de ter em meu caminho algumas das pessoas mais incríveis que eu poderia conhecer... Mas não gostaria de fazer assim, pois quero destacar alguns dos nomes a quem muito devo (ou culpo) por ser quem sou.

Assim, agradeço a Ele, em primeiro lugar, e elenco os nomes de algumas dessas pessoas incríveis: inicio com os daquelas que foram colocadas em meu caminho pelo sangue: meus pais, por sempre terem me incentivado, me apoiado e por todos os esforços que fizeram/fazem por mim, por sempre acreditarem em mim. Tudo o que conheço sobre vida, amor, felicidade, companheirismo foi através de vocês. Outros nomes “de sangue”: minhas avós, D. Lia e D. Irene, minha tia Deda e minhas primas, Vanessa e Catarina. Obrigada por, juntamente com minha mãe, serem meus maiores exemplos de mulheres fortes, por serem constantes fontes de inspiração para mim. Sou muito feliz por ter todos vocês em minha vida!

Agradeço a UFCG pelo espaço onde me foi permitido iniciar o processo de tentar enxergar um pouco além de minha “bolha” e por ter sido o local onde fui presenteada com a amizade de pessoas sensacionais, em especial: Franciele, Stephanny, Mário, Nielle, Átilas... Obrigada por tornarem essa caminhada mais leve, por dividirmos inquietações, aperreios e muitas, muitas risadas.

Grata também a prof^a. Milene Bazarim, por (de alguma forma) ter acreditado em mim, confiado no potencial do projeto, por agir além do esperado. Obrigada também a prof^a. Sinara Branco, por, juntamente com a prof^a. Milene Bazarim, aceitar fazer parte de minha banca examinadora. Agradeço muito pela disposição das duas. É uma honra para mim. Agradeço ainda a prof^a. Rosângela Rodrigues, minha orientadora, por aceitar o desafio, por toda a sabedoria, humildade e paciência apresentadas. E por ser maravilhosa. Principalmente por ser maravilhosa!

Por fim, agradeço também a todas as pessoas que não foram citadas, mas que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.



Ms. Marvel: superfamosa.

RESUMO

Miss Marvel: superfamosa, lançado no Brasil no primeiro semestre de 2018, é o primeiro volume da segunda série da super-heroína paquistanesa-estadunidense que está conquistando cada vez mais espaço dentro (e fora) do universo fictício criado pela *Marvel Comics*. Tomando-o como *corpus*, a pesquisa apresenta a análise feita a partir de textos verbais e não verbais, bem como de temáticas presentes no quadrinho. Essas análises partiram da formulação da seguinte problemática: “Qual a constituição de feminino no quadrinho *Ms. Marvel: superfamosa*?”. Para responder a essa pergunta, foi traçado como objetivo geral analisar as relações interculturais na constituição do feminino no quadrinho em questão, e, como objetivos específicos: 1) analisar os discursos referentes ao feminino no quadrinho; 2) descrever como o processo de construção identitária da protagonista reflete questões sociais e culturais da contemporaneidade nas Américas; 3) analisar as marcas identitárias do feminino nas ilustrações de *Ms. Marvel: superfamosa* e quais relações estabelecem com o texto verbal. Para buscar atingir esses objetivos, a análise foi desenvolvida em dois momentos: no primeiro momento, foram observados quadrinhos em que a versão de adolescente próxima do comum da personagem estivesse em destaque; no segundo, foram considerados quadrinhos em que a personagem apresentasse em maior evidência sua versão de super-heroína. Buscou-se fazer isso apresentando a revisão da literatura ao passo que era realizada a análise dos quadrinhos. Como principais referências teóricas utilizadas, pode-se destacar nomes como: EISNER (2005, 2010), McCLOUD (2005) e CAGNIN (2014); OLIVEIRA (2007), BARCELLOS (2000) e SIQUEIRA e VIEIRA (2008); BUTLER (2011, 2017), RODRIGUES (2016) e FOUCAULT (2014); HALL (2003, 2014, 2015), BAUMAN (2005) e BOURDIEU (2002); LUDMER (2010) e JUSTINO (2015). Como considerações finais, foi percebido que o quadrinho retrata uma protagonista que não se enquadra aos moldes sociais vigentes, bem como são apresentados discursos leves e espirituosos, mas carregados de força e inspiração.

Palavras-chave: Quadrinhos. Kamala Khan. Miss Marvel. Gênero. Performatividade. Identidade fragmentada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Imagem 01 – Evoluções de Carol Danvers | 19 |
| Imagem 02 – Primeira aparição de Kamala Khan | 22 |
| Imagem 03 – Cartaz de <i>Rosie, the Riveter</i> | 23 |
| Imagem 04 – Capitã Marvel recriando pose de cartaz | 23 |
| Imagem 05 – Capa de <i>Ms. Marvel: superfamosa</i> | 26 |
| Imagem 06 – Kamala é surpreendida pela mãe | 33 |
| Imagem 07 – Kamala concorda em ajudar o irmão | 33 |
| Imagem 08 – Kamala e Mike | 34 |
| Imagem 09 – Nakia, Kamala e Zoe | 34 |
| Imagem 10 – Kamala em evento formal | 35 |
| Imagem 11 – Conversa sobre o casamento de Aamir e Tyesha | 37 |
| Imagem 12 – Os pais do casal se encontram | 38 |
| Imagem 13 – Kamala pensando sobre suas versões | 41 |
| Imagem 14 – Miss Marvel estabelece o que quer para si e para a cidade | 44 |
| Imagem 15 – Primeira edição solo de Mulher-Maravilha | 46 |
| Imagem 16 – Edição 9 de revista mensal de Mulher-Maravilha | 46 |
| Imagem 17 – Silhueta de Miss Marvel | 49 |
| Imagem 18 – Miss Marvel pondera sobre sua representação | 51 |
| Imagem 19 – Miss Marvel enfrenta vilões | 52 |
| Imagem 20 – Miss Marvel ajuda sua cidade | 53 |
| Imagem 21 – Miss Marvel decepcionada consigo | 55 |

| | |
|---|----|
| Imagem 22 – Bruno sugere que Kamala desista dos Vingadores | 57 |
| Imagem 23 – Kamala Khan refletindo sobre suas versões | 58 |
| Imagem 24 – Miss Marvel se questiona sobre seu papel de super-heroína | 59 |
| Imagem 25 – Miss Marvel aceita sua condição | 60 |



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 – FRATURAS IDENTITÁRIAS E KAMALA KHAN | 14 |
| 1.1 QUADRINHOS ENQUANTO LITERATURAS PÓS-AUTÔNOMAS | 15 |
| 1.2 QUADRINHOS EM DIFERENTES ESFERAS | 17 |
| 1.3 CAROL DANVERS – ÚLTIMA MISS MARVEL ANTES DE KAMALA KHAN | 18 |
| 1.4 KAMALA KHAN EM CAPITÃ MARVEL | 21 |
| 1.5 KAMALA KHAN – A NOVA MISS MARVEL | 24 |
| 1.6 <i>MS. MARVEL: SUPERFAMOSA</i> | 29 |
| 1.7 IDENTIDADE FRAGMENTADA EM KAMALA KHAN/MISS MARVEL | 31 |
| 1.8 CASAMENTO, RAÇA E RELIGIÃO | 36 |
| CAPÍTULO 2 – PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, CONCILIAÇÃO DE IDENTIDADES E MISS MARVEL | 40 |
| 2.1 DIFERENÇA E HEROÍSMO CLÁSSICO REPAGINADO | 40 |
| 2.2 A CONDIÇÃO HEROICA COMO PERFORMATIVIDADE | 43 |
| 2.3 REPRESENTAÇÕES E O IMAGINÁRIO DE CADA ÉPOCA | 47 |
| 2.4 AS IMAGENS E AS CORES | 48 |
| 2.5 O UNIFORME E A SIMBOLOGIA DAS CORES | 51 |
| 2.6 A HEROÍNA E SUA CIDADE | 52 |
| 2.7 ATIVIDADE EXTRACURRICULAR: VINGADORA | 54 |
| 2.8 CONFRONTAÇÃO E ENTRELACEMENTO | 58 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 62 |
| REFERÊNCIAS | 64 |



INTRODUÇÃO

Os quadrinhos são um meio de comunicação bastante popular. Eles podem ser considerados como ilustradores do que a sociedade da época de suas criações entende sobre as diversas temáticas, representações e construções sociais. Nos dias atuais, está cada vez mais em pauta discussões sobre sujeitos/identidades considerados/consideradas pertencentes às minorias, ao mesmo tempo em que há ondas que rejeitam veementemente o avanço dessas discussões.

Dando maior visibilidade aos espaços ocupados por essas chamadas minorias, surgem personagens como Kamala Khan, a nova Miss Marvel, adolescente que tem origem paquistanesa e que vive nos Estados Unidos. A personagem, que faz parte de alguns títulos de quadrinhos da *Marvel Comics*, incluindo suas séries solo, vem crescendo nas graças do público consumidor do meio. Simultaneamente a isso, os Estados Unidos enfrentam um momento de grande intolerância racial/cultural. Trazendo como foco do quadrinho situações comuns nas quais o leitor pode se reconhecer como se presente nelas também, ao representar o cotidiano de uma pessoa que, geralmente, é lida como pertencente à margem, mostra-se o potencial presente nas diferenças, humanizando-as.

É por acreditar na complexidade, riqueza e estímulo à reflexão que personagens com essas características podem apresentar, tal qual na expressiva singularidade do gênero quadrinho que utilizo como volume escolhido para análise nesta pesquisa o quadrinho *Ms. Marvel: superfamosa*, publicado em 2018, pela *Panini Comics*. A partir do questionamento impulsionador para a pesquisa “Qual a constituição de feminino no quadrinho *Ms. Marvel: superfamosa?*”, proponho, como objetivo geral, analisar as relações interculturais na constituição do feminino no quadrinho em questão. Para isso, delimito como objetivos específicos: 1) analisar os discursos referentes ao feminino no quadrinho; 2) descrever como o processo de construção identitária da protagonista reflete questões sociais e culturais da contemporaneidade nas Américas; 3) analisar as marcas identitárias do feminino nas ilustrações de *Ms. Marvel: superfamosa* e quais relações estabelecem com o texto verbal.

O interesse em realizar o estudo veio gradativamente em conjunto com o curso, porém, foi só a partir do pedido da produção de uma sequência didática para a disciplina Planejamento e Avaliação, ofertada pelo curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ministrada pela professora M^a. Milene Bazarim, no semestre 2016.1, que o estudo sobre a constituição do feminino em um quadrinho com super-heroína como protagonista de fato surgiu.

Relembrando o exercício com uma história em quadrinhos em uma das aulas observadas em uma escola para a disciplina Paradigmas de Ensino, cursada no semestre anterior, alguns volumes de quadrinhos foram analisados para a elaboração da sequência didática. Essas leituras em conjunto com o interesse pelo estudo da condição feminina despertado por algumas disciplinas – como Fundamentos da Prática Educativa (2014.2), Teoria da Narrativa (2015.1), Morfologia do Vocábulo (2015.2), Poesia Brasileira: da Literatura Colonial ao Pré-Modernismo (também em 2016.1) – alavancaram em mim a necessidade de estudar como estão sendo representadas as mulheres nos quadrinhos.

Como metodologia, embora Antonio Carlos Gil (2002) afirme que nem sempre é nitidamente reconhecível a diferença entre as pesquisas bibliográfica e documental, “já que, a rigor, as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos impressos para determinado público” (GIL, 2002, p. 46) e também que “é possível até mesmo tratar a pesquisa bibliográfica como um tipo de pesquisa documental” (GIL, 2002, p. 46), opto por entender que esta pesquisa é caracterizada como bibliográfica.

Ela é ainda de natureza básica e tem uma análise qualitativa do conteúdo, pois tem maior enfoque na interpretação do objeto e na importância de seu contexto (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33), assim, é também uma pesquisa exploratória, uma vez que visa envolver levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2002, p. 41), sendo também de caráter interpretativa (LAKATOS; MARCONI 2003, p. 31) e de cunho culturalista.

De acordo com isso, baseando-me em uma abordagem reflexiva (PINHEIRO, 2011, p. 51) e com análise de conteúdos, a partir do estudo do quadrinho *Ms. Marvel: superfamosa* analiso suas temáticas, tais como: construção identitária, identidade feminina, relações interculturais, etc., assim como teço comentários a

partir dos textos verbais e não verbais presentes no quadrinho. Desse modo, a pesquisa é pautada em textos da área dos Estudos Culturais atuais e sobre a Nona Arte, e utilizo como principais referências teóricas: EISNER (2005, 2010), McCLOUD (2005) e CAGNIN (2014); OLIVEIRA (2007), BARCELLOS (2000) e SIQUEIRA e VIEIRA (2008); BUTLER (2011, 2017), RODRIGUES (2016) e FOUCAULT (2014); HALL (2003, 2014, 2015), BAUMAN (2005) e BOURDIEU (2002); LUDMER (2010) e JUSTINO (2015).

Para melhor estruturar o texto, organizei a Monografia em dois capítulos. No primeiro capítulo, *Fraturas identitárias e Kamala Khan*, apresento conceitos sobre os quadrinhos e sua adequação ao que é conhecido como *literaturas pós-autônomas*, bem como concepções de *identidades*, a fim de analisar algumas cenas, temáticas e/ou elementos que julgo serem relevantes para o desenvolvimento da história e imersão em seu universo. Já no capítulo final, *Performatividade de gênero, conciliação de identidades e Miss Marvel*, apresento concepções sobre *diáspora*, *performatividade*, *fachada*, *corpo disciplinado*, *biopoder* e teço comentários sobre a simbologia das cores, com o intuito de analisar algumas cenas, temáticas e/ou elementos referentes à história da protagonista enquanto super-heroína.

Após as análises, encaminho-me para as considerações finais. Nelas, reflito sobre as pesquisas na área dos quadrinhos, as mídias reproduzirem o que é considerado como feminino durante determinada época e destaco características da protagonista do quadrinho em análise que podem chamar a atenção do leitor.

Por último, disponho as referências utilizadas ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – FRATURAS IDENTITÁRIAS E KAMALA KHAN



Miss Marvel: Guerra Civil II.

Início este capítulo trazendo algumas definições sobre quadrinhos e, em seguida, cito a resistência da academia com relação ao gênero. Após isso, trago pontuações acerca das *literaturas pós-autônomas*. Em um momento seguinte, teço breves comentários acerca da personagem que inspirou o surgimento da nova Miss Marvel, para então iniciar a análise da personagem objeto da pesquisa e sua história, utilizando para isso conceitos como os de *identidade/identidades fragmentadas e interculturalidade*.

1.1 QUADRINHOS ENQUANTO LITERATURAS PÓS-AUTÔNOMAS

Segundo Will Eisner (2010), uma história em quadrinhos¹ apresenta “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 2010, p. 9), com isso, comunica “ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras (EISNER, 2010, p. 39). Dessa forma, apresenta uma sobreposição de palavra e imagem (EISNER, 2010, p. 2).

Scott McCloud (2005) desenvolve a definição de Eisner e argumenta que histórias em quadrinhos são imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada (McCLOUD, 2005, p. 9). Já Antonio Luiz Cagnin (2014), um dos pioneiros nos estudos acadêmicos sobre quadrinhos no Brasil, argumenta que quadrinhos são uma narrativa em imagens em sequências (CAGNIN, 2014, p. 29); uma história narrada com imagens em sequência (CAGNIN, 2014, p. 31). Logo, os três autores entendem história em quadrinhos como uma combinação de quadros sequenciados que pode conter textos verbais e não verbais para a narração de uma história.

Assim, é reconhecido que além da leitura dos signos verbais é necessária também a leitura dos signos não verbais contidos nos quadrinhos para uma melhor compreensão dessa arte sequencial (título criado por Eisner). Essas duas linguagens – verbal e não verbal – juntas exercem uma representação do real ou o que poderá ser entendido como tal. Portanto, as escolhas para representar esses dois tipos de linguagens são cruciais, pois para uma leitura completa e para o roteirista/ilustrador ter êxito na partilha de experiências entre artista, texto e leitor, é importante que ele(s) selecione(m) elementos universais, uma vez que as informações postas devem perpassar experiências de vida também do leitor.

Laonte Klawe e Haron Cohen (1977) ressaltam que nos quadrinhos “o que faz do bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido depois

¹ Como parece não haver consenso na literatura da área quanto à terminologia ideal para nomear as *comics*, histórias em quadrinhos, HQs, quadrinhos, revistas em quadrinhos, *graphic novels*, romances gráficos, narrativas gráficas, novelas gráficas, etc., opto por utilizar um termo mais amplo, como quadrinhos, ao entendê-los como aqueles gêneros “que tenham em comum o uso da linguagem dos quadrinhos para compor um texto narrativo dentro de um contexto sociolinguístico interacional. (...) *Quadrinhos* seriam, então, um grande rótulo, um **hipergênero**, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades” (RAMOS, 2016, p. 20. Grifos do autor).

de visto o anterior; a ação contínua estabelece a ligação entre as diferentes figuras” (KLAWA e COHEN, 1977, p. 110). Os autores destacam ainda que é necessário que os quadrinhos sejam entendidos como um típico produto da cultura de massas.

Sonia M. Bibe Luyten (1987) também atenta para o fato, elucidando que o quadrinho é um produto com raízes populares, e que “desde o início, sua característica foi a de comunicação de massa, uma vez que atingia um público enorme” (LUYTEN, 1987, p. 10). Principalmente por questões como o público-alvo pressuposto, apesar da riqueza singular de sua natureza, os quadrinhos, que historicamente são vistos de forma pejorativa e até como uma subliteratura, ainda enfrentam certa resistência no meio acadêmico.

Isso posto, recorro ao que Josefina Ludmer (2010) fala sobre as literaturas pós-autônomas. Para a autora, são as escrituras do presente que atravessaram a fronteira literária, uma vez que não pertencem mais ao campo da literatura autônoma, embora possam ou não exibir “marcas de pertencimento à literatura e os tópicos da auto-referencialidade que marcaram a era da literatura autônoma”, e isso não muda “seu estatuto de literaturas pós-autônomas” (LUDMER, 2010, p. 3-4).

Essas escrituras se apresentam em posição diaspórica, pois ficam fora dos parâmetros até então utilizados para definir o que era literatura, mas presas em seu interior. Assim, são e não são literatura ao mesmo tempo (LUDMER, 2010, p. 3). Esses novos textos aparecem como literatura, mas não podem ser lidos com critérios ou categorias literárias. Neles, não se sabe ou não se importa se são ou não literatura, se são ou não realidade ou ficção – uma vez que os limites entre elas são tênues (LUDMER, 2010, p. 1).

Para Ludmer, há uma erradicação, ou diminuição do conceito de literariedade, uma vez que, segundo a autora, os novos textos literários perdem, voluntariamente, o “valor literário” (LUDMER, 2010, p. 2). Assim, a crítica literária aponta para a “dessacralização” da literatura, o término formal de amarras que não condizem com a contemporaneidade.

A autora ainda declara que o fim da literatura autônoma possibilita novas formas de produção e circulação, assim como alteram as formas de leitura. Desse modo, os meios em que as novas histórias literárias são contadas perpassam o até

então habitual livro impresso e podem ser encontradas em outras diferentes esferas, como *blogs*, *e-mail*, vídeos, Internet em geral, jogos digitais, novelas, filmes, séries, quadrinhos, etc., que podem mesclar linguagens de aspecto verbal e não verbal de diferentes velocidades, graus e intensidades (LUDMER, 2010, p. 2). Assim, tornando esses novos textos literários mais acessíveis aos diversos públicos.

Com isso, Ludmer (2010) ainda elucida que as literaturas pós-autônomas, “entrariam em um meio (em uma matéria) real-virtual, sem foras, a imaginação pública: em tudo o que se produz e circula e nos penetra e é social e privado e público e ‘real’” (LUDMER, 2010, p. 4). Assim, os quadrinhos, um dos textos que apresentam esses novos modos de leitura e que rompem com o engessamento até antes em vigor, ao serem postos enquanto literários incorporam e reproduzem configurações sociais atuais.

1.2 QUADRINHOS EM DIFERENTES ESFERAS

Os quadrinhos, meio de comunicação tão popular, estão cada vez mais atingindo novos ambientes, presentes em produções cinematográficas e/ou televisivas, por exemplo, atraindo, com isso, públicos de todas as idades e segmentos. Por serem tão conhecidos mesmo por quem não faz parte do público leitor habitual, os quadrinhos são constantemente encontrados em diferentes meios, como jornais impressos, na Internet, em materiais escolares e salas de aula, em formatos digitais, nas bancas de jornal como suportes próprios, nas livrarias, etc.

Nos dias atuais, a presença dos quadrinhos no meio escolar – algo que durante um tempo foi visto como algo inadmissível –, por exemplo, como instrumento de melhoria para o processo de ensino-aprendizagem, com incentivo, inclusive, governamental, é algo significativo, uma vez que pode proporcionar incentivo à leitura, além de dinamismo e entusiasmo nas salas de aula, algo necessário e bem-vindo no contexto escolar atual. Assim como também estimula a criatividade do aluno e pode trazer temáticas que geram reflexão, além de provocar certa curiosidade sobre a área nos meios acadêmicos.

1.3 CAROL DANVERS – ÚLTIMA MISS MARVEL ANTES DE KAMALA KHAN

Antes de iniciar algumas observações sobre a obra selecionada e sua protagonista, opto por fazer breves comentários sobre a personagem antecessora da nova Miss Marvel e sua maior fonte de inspiração: Carol Danvers.

Carol Danvers, antiga Miss Marvel, ganhou seus poderes ao ser atingida em nível celular por uma explosão de um dispositivo da raça alienígena Kree, o que a tornou uma híbrida Humana-Kree – uma vez que o DNA do então Capitão Marvel (Mar-Vell) entranhou-se ao seu. Por conta disso, ela passou a ter superforça, velocidade, durabilidade, capacidade para voar, habilidade de absorver energia e disparar rajadas fotônicas.

Carol trabalhou na Força Aérea americana até se tornar Coronel, também trabalhou na CIA e como chefe de Segurança na NASA, além de já ter trabalhado como jornalista, editora, autora de livros de ficção científica e ter sido membro de diversas equipes de super-heróis.²

A personagem sofreu mudanças significativas desde sua primeira aparição, no final da década de 1970. Desde adquirir poderes e se tornar super-heroína, mudanças de profissão e até de títulos ao longo das décadas, como pode ser observado na imagem a seguir:

² Informações disponíveis em: <<https://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-capita-marvel.html/1>> e <<https://legiaodosherois.uol.com.br/lista/os-10-maiores-feitos-e-conquistas-da-capita-marvel.html/1>>. Acesso em: 08 maio 2018.



Imagem 01 – Evoluções de Carol Danvers: Ms. Marvel (nas duas primeiras representações), Binária, Warbird e, finalmente, Capitã Marvel, respectivamente.³

De aparência idealizada, Carol Danvers, além de ser uma das mais rentáveis personagens femininas, é também uma das mais fortes do Universo Marvel e de grande representação feminina dentro da editora. Surgida durante o que se chamou de “segunda onda” feminista no hemisfério Norte, mesmo antes de se tornar super-heroína, a personagem apresentava uma postura que refletia os movimentos de emancipação feminina da época.

Para contextualizar, recorro ao que, segundo Thomas Bonicci (2007), pode ser definido como feminismo: “uma crença e convicção na igualdade sexual acoplada ao compromisso de erradicar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade” (BONICCI, 2007, p. 86). A cientista política Flávia Biroli explica que a chamada “primeira onda” do movimento britânico e estadunidense teve como um dos seus principais eixos o direito das mulheres ao voto (BIROLI, 2018, p. 176); já a chamada “segunda onda” ficou conhecida pelas décadas de revolução comportamental, uma vez que estava em pauta o enfrentamento de diversas opressões contra as mulheres em diferentes dimensões da vida (BIROLI, 2018, p. 178-9), como nas relações de trabalho e no âmbito da sexualidade.

Ainda retomando a Carol Danvers, apesar de a personagem espelhar o que acontecia na época, assim como os demais produtos culturais, os quadrinhos

³ Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/capita-marvel-o-tal-uniforme-verde-e-outras-questoes-mais-importantes/>>. Acesso: 30 abril 2018.

revelam marcas de seu tempo, reproduzindo e reforçando representações da sociedade de cada época. Desse modo, a imagem da personagem não harmonizava com os discursos reproduzidos por ela.

Quadrinhos como meio de entretenimento são representações sociais e, como sinalizei anteriormente, estabelecem uma troca entre o roteirista/ilustrador e o leitor. Para maior aceitação do produto nos mais diversos mercados muitos roteiristas/ilustradores podem acabar criando espécies de caricaturas para simbolizar suas personagens e, com isso, tentar fazer com que um maior número de leitores crie empatia/identificação com elas e, assim, fidelize com os títulos. Quando a personagem em questão é feminina, essa caricatura pode ser ainda mais intensa, podendo reproduzir abordagens de modo frívolo, frágil e/ou até sensual, bem como idealizado. Assim, muitos recorrem a uma representação do que a sociedade – que é androcêntrica – ainda considera como feminino.

Janice Primo Barcellos (2000), citando Barbosa, diz que:

Representa-se aquela mulher que a sociedade dirigida pelos homens espera ver representada. Não apenas uma imagem: uma imagem-reflexa que termina sendo o reflexo de uma imagem. A representação, deste modo, impõe-se como um símbolo e extrai a sua força do fato de que tal símbolo deve obedecer estritamente ao que se quer representado (BARCELLOS, 2000, *on-line*).

Com isso, percebe-se que as formas de representações femininas são apoiadas em uma perspectiva ideológica, ideia também defendida por Denise da Costa Oliveira Siqueira e Marcos Fábio Vieira (2008):

Se a ascensão das mulheres nos quadrinhos as retirou do posto de donzelas em perigo ou donas de casa conformadas, não as livrou de suas “origens”: o olhar e a mente masculina. Por mais que possam refletir, até certo ponto, o ideal contemporâneo de mulher, as personagens de quadrinhos foram, em sua maioria, idealizadas por homens e para homens, segundo o que eles vêm e entendem do sexo feminino (SIQUEIRA e VIEIRA, 2008, p. 189).

Segundo Naomi Wolf (2018), “as mulheres não passam de ‘beldades’ na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina” (WOLF, 2018, p. 93). Assim, com o maior público-alvo da época composto por homens, durante muito tempo, Carol Danvers apareceu de forma sexualizada, com roupas coladas e com boa parte do seu corpo exposto.

A personagem se apresenta ainda nos dias atuais de acordo com o “padrão” imposto em vigência, uma vez que ela possui uma mescla de traços lidos como femininos e outros lidos como próprios do masculino, o que atende ao que Selma Regina Nunes de Oliveira (2007) declara:

O padrão atual de beleza determina que à silhueta curvilínea da ampulheta sejam adicionados músculos esculpidos por exercícios físicos, o que resulta em um formato híbrido de curvas e músculos. O corpo do macho passou a ser a referência do corpo da fêmea (OLIVEIRA, 2007, p. 157).

Assim, Carol Danvers é representada conforme o “ideal”, que, de acordo com Wolf (2018), “afinal se tornou totalmente inumano” (WOLF, 2018, p. 384).

Como Capitã Marvel, Carol Danvers possui um visual mais condizente com os discursos que a personagem procura representar, com roupas que cobrem todo o seu corpo, assim, sem chamar tanta atenção para ele e sem toda a objetificação antes mostrada. Além disso, seus cabelos aparecem mais curtos e ela não utiliza mais a máscara no rosto.

Após Carol Danvers assumir o título de Capitã Marvel, seu antigo título de Miss Marvel ficou vago. Assim, Kamala Khan, protagonista da história escolhida e grande fã de Carol, o assume após ela própria ganhar superpoderes.

1.4 KAMALA KHAN EM CAPITÃ MARVEL

A primeira aparição de Kamala Khan aconteceu na última página do quadrinho solo de Capitã Marvel 3, publicado originalmente em janeiro de 2014, como indico na imagem a seguir:



Imagem 02 – Primeira aparição de Kamala Khan.⁴

⁴ Fonte: *Capitã Marvel 3: inimigo interior!*, 2014, Panini Comics.

Nas últimas quatro páginas do volume, o leitor percebe a presença de um narrador que encerra a história de Capitã Marvel e, na última página, fala sobre a personagem ser uma inspiração. É nessa última página em que pode ser visto uma personagem morena, que está de costas, localizada na cidade de Jersey, Estados Unidos, aparentemente em um quarto, colocando algum papel em um espelho. O leitor pode identificar a bandeira do Paquistão em um dos lados desse objeto.

Conforme o observador vai se aproximando nos quadrinhos seguintes, identifica-se que a parede e o espelho têm diferentes pôsteres da Capitã Marvel. O leitor pode notar ainda que a personagem em frente ao espelho flexiona seus músculos ao ponto de crescerem e rasgarem parte da manga de sua blusa, a fim de deixá-los parecidos aos da Capitã em um dos pôsteres.

Nele, a Capitã reinterpreta a postura do icônico cartaz da personagem *Rosie, the Riveter* (em português, algo como Rosie, a rebitadora), que, com os dizeres “*We Can Do It!*” (“Nós podemos fazer isso!”, em tradução literal), representava a convocação das mulheres para o mercado de trabalho durante a Segunda Guerra Mundial. Desde então, a pose clássica é regularmente associada aos movimentos feministas e foi referenciada inúmeras vezes, incluindo pela Capitã Marvel na capa de uma de suas edições mensais, conforme pode também ser observado abaixo:



Imagens 03 e 04 – Cartaz de *Rosie, the Riveter* e Capitã Marvel recriando pose de cartaz, respectivamente.⁵

⁵ Fontes: *Rosie, the Riveter*. Disponível em: <google.com>; Capitã Marvel: *Capitã Marvel 1: a heroína mais poderosa da Terra!*, 2014, Panini Comics.

Ainda sobre a primeira aparição de Kamala Khan, os planos vão ficando mais fechados, mais próximos, a fim de que o leitor conheça mais a personagem, de fazê-lo entrar aos poucos em seu mundinho. No último quadro, optou-se por um plano detalhe em que parte da frente da blusa da personagem é mostrada, fazendo com que o leitor possa identificar parte do raio amarelo característico da antiga Miss Marvel.

1.5 KAMALA KHAN – A NOVA MISS MARVEL

Criada por Sana Amanat⁶ e roteirizada por G. Willow Wilson⁷, quatro meses após a última edição de Capitã Marvel (2014), iniciou-se a série solo da nova Miss Marvel, a primeira personagem muçulmana a conquistar uma HQ solo na Marvel. Publicada no Brasil, pela *Panini Comics*, a partir do final de 2015/início de 2016, sua primeira série teve quatro encadernados (cada um contendo algumas das dezenove edições lançadas mensalmente nos Estados Unidos). O último encadernado dessa primeira série, em concordância com outros títulos de Nova Marvel, mostrou a preparação para um evento em que sua culminância atingiu todo o selo da editora: as *Guerras Secretas*. O título dessa saga faz referência à saga homônima publicada na década de 1980.⁸

Embora a nova saga *Guerras Secretas* objetivasse unificar os universos da editora, como o universo regular – Terra-616 – e personagens do Universo *Ultimate* – Terra-1610 –, a iniciativa pode ser reconhecida como uma espécie de *reboot*, pois as numerações dos quadrinhos foram zeradas.

Os quadrinhos da nova Miss Marvel apresentam Kamala Khan, uma adolescente estadunidense-paquistanesa, que é muçulmana, admiradora da cultura pop e que vive em meio às adversidades causadas pelos conflitos culturais aos

⁶ Filha de imigrantes muçulmanos nos Estados Unidos.

⁷ Norte-americana convertida ao Islamismo.

⁸ Famosa saga da Marvel que reuniu pela primeira vez seus principais personagens. A segunda saga de mesmo nome pode ser resumidamente descrita como “uma espécie de *reboot* do Universo Marvel em que a editora aproveitou a oportunidade para trabalhar completamente sem as rédeas impostas pela continuidade para, depois, aproveitar do que deu certo para efetivamente partir desse ponto.” Disponível em: <<http://www.planocritico.com/sagas-marvel-guerras-secretas-2015/>>. Acesso em: 31 de março de 2018.

quais é exposta. Certa noite, contrariando seus pais, Kamala decide sair escondido de casa para ir a uma festa e ao voltar dela se vê envolta por um nevoeiro (chamado de *Névoa Terrígena*), que dá a ela superpoderes (classificando-a, assim, como uma *nova Inumana*⁹), como transmutar sua forma e fator de cura.

A partir disso “nasce” a nova Miss Marvel, que logo passa a ajudar a cidade onde mora/enfrentar vilões enquanto tenta entender/aceitar seus superpoderes e continua deparando-se com as atribuições de uma estudante adolescente, que se identifica enquanto pertencente ao feminino, que passa parte de seu tempo livre em fóruns de discussão sobre super-heróis e/ou escrevendo *fanfics* sobre eles, gosta de jogos digitais e RPG e que é de família islâmica.

Após os eventos de *Guerras Secretas* uma nova série da Ms. Marvel – ainda em andamento no Brasil – foi lançada. O primeiro encadernado solo da nova série da personagem, *Ms. Marvel: superfamosa* (2018), foi o volume escolhido para análise nesta pesquisa. Nele, os leitores podem continuar acompanhando Kamala Khan que, após ganhar poderes polimórficos e adotar o título de nova Miss Marvel em homenagem a sua ídolo, Carol Danvers, continua tentando conciliar sua vida de adolescente estadunidense-muçulmana com a de super-heroína. Dessa vez, ainda mais reconhecida, pois passou a integrar a equipe de Vingadores¹⁰. Conforme pode ser observado desde a capa a seguir:

⁹ Inumanos são “descendentes de humanos normais que, há muitos séculos, tiveram genes mudados pela raça alienígena Kree. (...) Seus poderes são ativados pela exposição a um elemento chamado Terrigen Mist.” Disponível em: <<https://omelete.com.br/inumanos/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

¹⁰ Grupos de super-heróis da *Marvel Comics*.

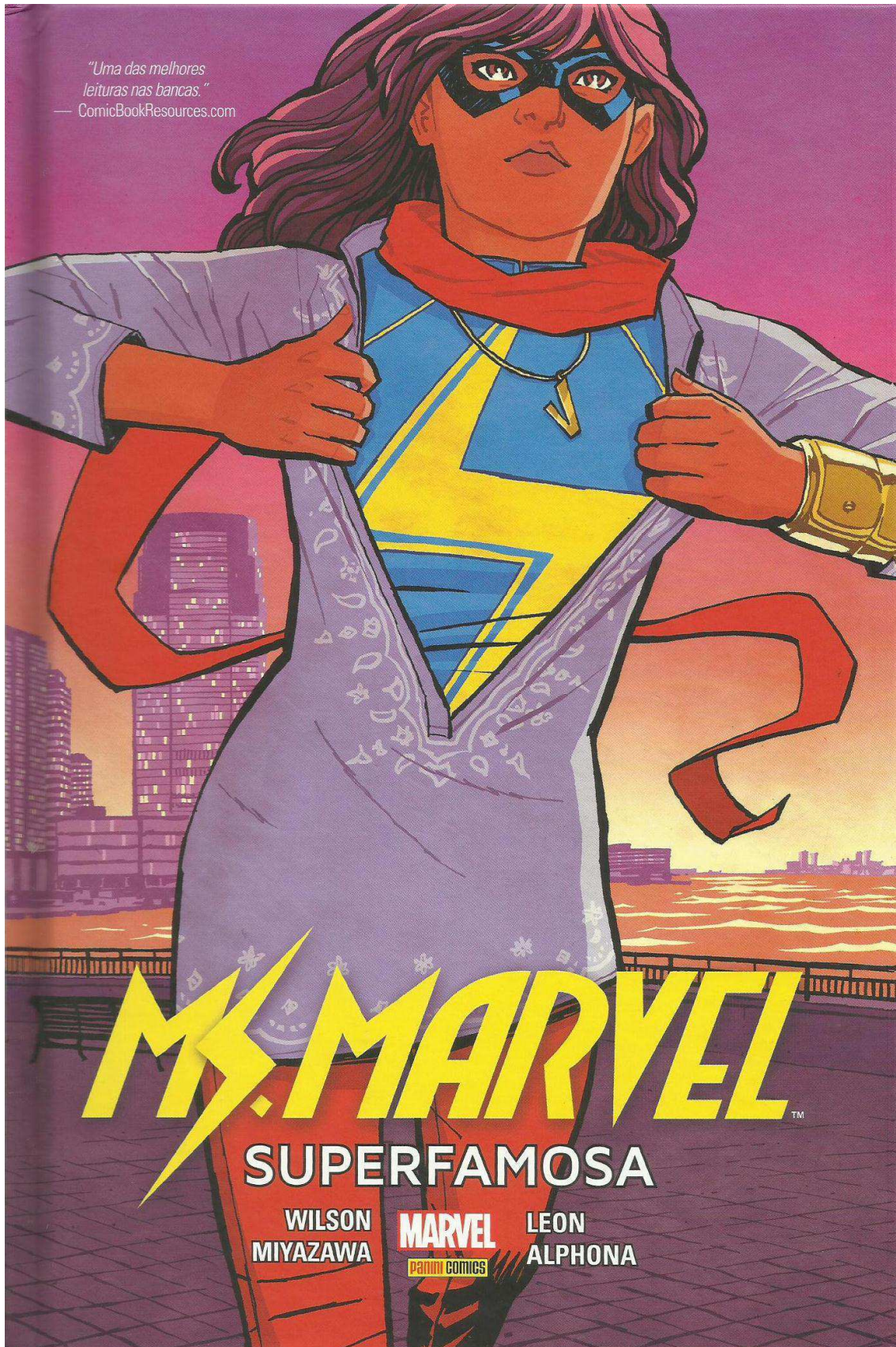


Imagem 05 – Capa de *Ms. Marvel: superfamosa*.¹¹

¹¹ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

A capa é o primeiro contato de um futuro consumidor com um produto. As mensagens visuais, por poder conter informações globais, podem comunicar sobre o conteúdo da obra. Assim, é a partir da capa que esse possível comprador tem uma breve ideia do que a história trata.

No original, o colar da personagem tem a letra “A” (de *Avenger*, em inglês). A capa nacional recebe alteração e a letra “V”, de Vingadora, passa a compor suas vestimentas. É possível ainda elencar outros elementos presentes na capa que permitem que o possível leitor faça uma interpretação próxima ao que acontece na história, como a personagem recriando a pose clássica do Super-Homem em que por baixo da roupa de civil entreaberta pode ser visto o uniforme de super-herói. No caso de Miss Marvel, sua roupa de civil é um tradicional traje paquistanês – chamado de *shalwar kameez*, *salwar kameez* ou *shalwar qameez*.

Apesar de seguir a tradição de sua religião ao cobrir boa parte de seu corpo, a personagem veste roupa típica apenas em situações mais formais, mas, aparecendo na capa com ela, demarca para o novo leitor as “origens” da personagem. Outro traje típico aparece sob sua roupa de civil entreaberta: seu uniforme, criado a partir de um *burkini*, traje de banho islâmico, de cores azul e vermelho. Para completar seu uniforme, ela utiliza um *hijab*, um tipo de véu islâmico usado para esconder cabelos, pescoço e orelhas, em volta do pescoço, máscara em volta dos olhos, um bracelete (de família) e, na frente do *burkini*, um raio amarelo, customizado por ela, característico da antiga Miss Marvel. O plano da imagem não permite que, em um primeiro olhar, o provável leitor consiga ver o traje completo, mas a personagem calça também botas rasteiras de cano médio.

A vestimenta, conforme o citado Eisner (2005) aponta, dessa vez, em *Narrativas gráficas*, é simbólica, pois “consegue transmitir instantaneamente a força, o caráter, a ocupação e a intenção de quem a usa. A maneira como a personagem a usa também pode transmitir uma informação ao leitor” (EISNER, 2005, p. 26). Dessa forma, ao ter o uniforme de super-heroína criado a partir de uma roupa típica, demonstra-se que essa escolha não é arbitrária, demarcando, mais uma vez, de onde a personagem é oriunda. A presença do traje desde a capa reforça para o possível novo leitor a genealogia da protagonista.

Com isso, o provável leitor pode identificar as diferentes alusões presentes no traje da super-heroína. A nova Miss Marvel faz ainda referência a sua ídolo, Carol Danvers, tanto sob o ex-título de Miss Marvel quanto sob o de Capitã Marvel, ao adotar as mesmas cores do traje da Capitã e o raio característico presente no traje que Kamala cita como “o uniforme clássico incorreto” da antiga Miss Marvel. Esses elementos também podem levar o possível novo leitor a perceber que se trata de uma história com uma super-heroína.

Além disso, ele pode atentar-se em suas características físicas: Kamala não tem traços, cor de pele, de olhos e cabelos que podem ser associados como “tipicamente” estadunidenses.

Sobre o posicionamento da imagem, pode-se perceber que a protagonista, encontrada na parte central (e em primeiro plano), em um plano levemente de baixo para cima, está em uma postura mais frontal, levemente inclinada para frente, com a perna esquerda voltada para trás e a direita para frente, indicando, assim, que a personagem está em movimento. Oliveira (2007) afirma que “os cabelos das mulheres de papel dizem-nos quem elas são” (OLIVEIRA, 2007, p. 163). Com isso, o cabelo escuro e médio da personagem, cortado em camadas (assim como a própria personagem se apresenta), reforça a ideia de movimento – além de representar “poder” – por seu posicionamento na imagem.

Em segundo plano, encontra-se a cidade durante um crepúsculo. A cidade ao fundo pode remeter ao elo entre ela e a personagem, já o final de tarde poderia representar um período de renascimento e/ou amadurecimento da personagem.

Com relação ao título e subtítulo, pode ser observado que o primeiro está em itálico e contrasta em tamanho e cor com os demais blocos tipográficos. A combinação de diferentes fontes em destaque pode despertar o interesse pela leitura da informação. No subtítulo, encontra-se um pequeno jogo de palavras: a palavra “super” pode ser tanto o prefixo com valor de adjetivo quanto destaque para sua identidade secreta de super-heroína.

1.6 MS. MARVEL: SUPERFAMOSA

Lançado no primeiro semestre de 2018, pela Panini Comics, *Ms. Marvel: superfamosa* continuou narrando as histórias de Kamala Khan, uma “paquistanesa-americana-Inumana nerd”, conforme a mesma cita, que busca conciliar seu trabalho como super-heroína com sua vida familiar, escola e amigos. O volume reúne as edições de 1 a 6 de *Ms. Marvel* e foi roteirizado por G. Willow Wilson, ilustrado por Takeshi Miyazawa (*Ms. Marvel* 1, p. 07-28 e *Ms. Marvel* 2-3), Nico Leon (*Ms. Marvel* 4-6) e Adrian Alphona (*Ms. Marvel* 1, p. 28-36) e colorido por Ian Herring.

No encadernado, o leitor descobre que os eventos da história estão situados oito meses após o último encadernado e que houve muitas mudanças desde então: Miss Marvel agora é uma Vingadora, seu melhor amigo, Bruno, que havia confessado estar apaixonado por ela, está namorando outra garota sem sequer ter comunicado para Kamala, sua antiga “arqui-inimiga” da escola, Zoe Zimmer, faz parte de seu pequeno grupo de amigos e a imagem de Miss Marvel, aproveitando que sua identidade é mantida em segredo, está sendo utilizada sem seu consentimento sob a alegação de que “ela é um ícone americano! Ela pertence a **todo mundo!**” (p. 19. Grifo da autora)

Por conta do *outdoor* exposto com os dizeres “VOCÊ PODE... LIMPAR JERSEY CITY! HALL IDÍLICO DOMICÍLIOS / REALOCAÇÃO ASSEGURADA”, sua melhor amiga, Nakia, que nada sabe sobre a identidade secreta de Kamala, tomou a frente do protesto contra a suposta venda de Miss Marvel para o “primeiro construtor sanguessuga que quer derrubar tudo para construir **condomínios de luxo**” (p. 19. Grifo da autora). Interessante destacar que a empresa utiliza uma frase – “Você pode” – que tem um poderoso significado em diferentes esferas, aproveitando-se do conhecimento de que Miss Marvel incorpora (dentro e fora do universo fictício da obra) uma fonte de inspiração e empoderamento feminino.

Ao invadir o local na tentativa de descobrir o que estava acontecendo, Miss Marvel descobriu que o grupo responsável pelos condomínios armazenava uma bebida com uma nanotecnologia capaz de se unir aos neurônios e controlar a mente de quem a bebesse. Para descobrir o conteúdo do líquido, Miss Marvel contou com

a ajuda de seu amigo Bruno, um jovem gênio da ciência. Por envolver-se, ele foi capturado e, sob efeito da bebida, passou a trabalhar para a Hidra, organização criminosa do universo Marvel por trás do condomínio **Hall Idílico Domicílios e Realocação Amiga**.

Para salvar seu melhor amigo e outras vítimas, Miss Marvel viu-se obrigada a procurar a namorada de Bruno, apelidada de Mike, pois ele havia presenteado a garota com um *pendrive* que daria acesso às suas anotações que estivessem na nuvem. Após descobrirem como acessar as informações de Bruno e de que maneira produziram a proteína que o garoto havia planejado para interromper a capacidade da nanotecnologia de conectar-se aos neurônios, a heroína e sua improvável ajudante conseguiram salvar Bruno e as outras vítimas da bebida com nanotecnologia. Porém, Miss Marvel descobriu que isso não seria suficiente para fazer a cidade voltar a gostar dela, para “limpar” sua imagem com os moradores dali, pois os protestos contra ela ainda continuaram. Além disso, a garota não estava indo bem nem na escola nem como Vingadora e ainda descobriu que seu irmão estava preparando-se para se casar.

Assim, Kamala viu-se sobrecarregada e, com tanta coisa acontecendo consigo, teve a ideia de criar clones de si para darem conta das demais áreas de sua vida enquanto ela tentava focar em ser uma Vingadora melhor, e acabou constatando que produzir muitas de si não foi uma ideia tão boa. Para consertar o pequeno caos instaurado na cidade, uma vez que os clones não paravam de se multiplicar, Miss Marvel, percebendo que nem sempre pode melhorar as coisas sem ajuda, apela para sua ídolo, Capitã Marvel. Homem de Ferro e Loki, o deus da trapaça, também aparecem para consertar a confusão criada por Miss Marvel.

De forma leve e bem-humorada, a continuação da história solo de Kamala Khan/Miss Marvel é ainda mais madura que os volumes anteriores. Repleta de características que agradam antigos e novos leitores e referências à cultura pop – como diversas alusões a filmes clássicos, tais como *King Kong* e *Godzilla* –, acompanha-se a carismática e espirituosa protagonista com a qual o leitor pode facilmente se identificar assumir mais responsabilidades e tentar conciliá-las com antigas atividades, bem como outras novidades que surgiram em sua vida.

Por mais que seja um quadrinho sobre uma super-heroína, a história de Miss Marvel, protagonista, pertencente ao feminino, adolescente, desajustada, muçulmana dentro de uma sociedade ocidental, ultrapassa as concepções de aventuras heroicas para falar também, de maneira fluida, divertida e com abordagem sobre temas de relevância atual, sobre identidade e crescimento.

1.7 IDENTIDADE FRAGMENTADA EM KAMALA KHAN/MISS MARVEL

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2015) expõe três concepções de identidade, cada uma representando um período diferente. Pontuo, a seguir, essas concepções:

A primeira concepção é a do sujeito do Iluminismo, que estava apoiada em uma noção de indivíduo centrado, unificado. Era um sujeito que tinha dentro de si uma identidade que aflorava quando ele nascia e ia se desenvolvendo conforme o sujeito crescia. Por ter um centro com núcleo interiorizado, esse sujeito era “individualista”.

A segunda concepção é a do sujeito sociológico, em que o sujeito é reflexo do mundo moderno e sua complexidade. A identidade dele passa a receber influências externas, assim, sua identidade é formada entre o “eu” e a sociedade do mundo moderno. Nessa concepção, o preenchimento do espaço entre o “interior” e o “exterior” produz o sujeito.

A última concepção é a do sujeito que mais interessa para esta pesquisa: a do sujeito pós-moderno. O processo de mudança da concepção anterior acaba por produzir esse sujeito. Nessa concepção, o indivíduo não tem uma identidade fixa, pois “assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2015, p. 12). Com isso, Hall aponta um sujeito que possui diversas identidades, inclusive contraditórias.

Em outro artigo, Hall (2014) sugere mais uma classificação para o termo identidade:

o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2014, p. 111-2).

Nesses dois artigos Hall discorre sobre o sujeito conter diversas identidades ao mesmo tempo. Indo ao encontro dessa ideia, Zygmunt Bauman (2005) expõe que as “identidades” (conforme cita) flutuam no ar, seja por escolha nossa ou em nossa volta, e estão em frequente acordo, para solucionarem divergências entre elas (BAUMAN, 2005, p. 19). Tendo, assim, um sujeito com diversas identidades que negociam entre si.

É nesse contexto de identidades em movimento que Kamala Khan está inserida, pois ela é uma estadunidense de origem paquistanesa que busca conciliar culturas aparentemente opostas: a sua de origem (paquistanesa, muçulmana) e a sua cultura de destino (norte-americana). Assim, a personagem apresenta versões de si mesma em que as relações contraditórias dessas versões muitas vezes ficam em destaque.

Com seus familiares, por exemplo, Kamala exhibe uma versão mais centrada nos costumes de sua religião, assim, uma versão “mais muçulmana”. Nos diálogos com eles, há presença constante de palavras em *urdu* – língua nacional do Paquistão –, como expressões ou formas de tratamento entre os familiares, conforme pode ser visto nas imagens seguintes:



Imagem 06 – Kamala é surpreendida pela mãe.¹²



Imagem 07 – Kamala concorda em ajudar o irmão.¹³

No primeiro quadrinho, Kamala tenta entrar em casa sem ser vista, no entanto é surpreendida por sua mãe, que a esperava. Na última edição da primeira série, o leitor descobre que a mãe da garota já sabia da identidade secreta da filha e que se

¹² Disponível em: MS. MARVEL: *superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

¹³ Disponível em: MS. MARVEL: *superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

orgulha dela por “ajudar pessoas em sofrimento”, mas, pela feição fechada, percebe-se que a mãe, no momento, não está feliz com a garota. O tom azulado da cena demonstra que a casa estava no escuro, assim como intensifica o clima de tensão pelo qual Kamala passa.

No segundo quadrinho, Kamala está saindo para a aula depois de mais uma noite tendo dormindo pouco e seu irmão a acompanha. Aamir demonstra empolgação, pois, com Kamala por perto, terá companhia para discutir sobre o casamento com sua possível futura esposa. Kamala, por outro lado, expressa aborrecimento por “todo mundo está namorando, menos ela”.

Se com seus familiares Kamala apresenta uma versão mais próxima das deles, na escola, a adolescente tem uma versão mais voltada para uma garota norte-americanizada, pois, apesar de não desrespeitar as regras de vestimentas de sua religião, conforme mencionei anteriormente, ela busca ser incluída naquela sociedade e apresenta-se mais próxima das versões dos demais adolescentes a sua volta, conforme pode ser visto nas imagens abaixo:



Imagens 08 e 09 – Kamala e Mike e Nakia, Kamala e Zoe, respectivamente.¹⁴

¹⁴ Disponíveis em: *Ms. Marvel: superfamosa*, Panini Brasil, 2018.

Próxima de sua amiga Nakia, também muçulmana, Kamala se destoa, pois a amiga se veste de forma mais tradicional, todavia, comparando-a com sua nova amiga, Zoe, que é norte-americana, ou Mike, a namorada de seu melhor amigo, Kamala também não se “enquadra” totalmente, pois ainda segue as regras de vestimentas de sua religião. Assim, a personagem estaria em um entre-lugar (BHABHA, 1998) também no quesito vestimenta; o que destaca a clivagem vivida pela garota.

O que é comum quanto às vestimentas e/ou acessórios da personagem são as referências às identidades heroicas de Carol Danvers, seja com casacos ou uma bolsa que tenha o símbolo da antiga Miss Marvel, ou um caderno com o atual símbolo da Capitã. O que ressalta sua admiração pela super-heroína. Kamala apresenta sua simpatia pela heroína inclusive em situações mais formais em família, como a imagem abaixo ilustra bem:



Imagem 10 – Kamala em evento formal.¹⁵

O quadrinho em questão mostra o casamento do irmão da protagonista, Aamir, com Tyeshya, uma mulher negra convertida ao Islamismo. Para homenagear a

¹⁵ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*, Panini Brasil, 2018.

origem de cada um, o casal coincidentemente decide usar roupas típicas do país de origem do outro.

Na cerimônia, estavam presentes parentes de ambas as famílias. A cena delinea a curiosa combinação desses dois “universos”. Nela, destaco os diferentes trajes típicos e formais dos familiares muçulmanos e os também formais, porém sem tantos traços demarcadores das “raízes” dos familiares de Tyesha, as diferenças entre as raças, bem como reações, como o choque da mãe de Kamala, muçulmana mais tradicional, pela demonstração de afeto em público dos recém-casados, a felicidade do pai da garota tocando o emocionado pai de Tyesha (assim como também está sua mãe), de Kamala e demais membros presentes na cena.

1.8 CASAMENTO, RAÇA E RELIGIÃO

Nascida em solo norte-americano, Kamala Khan é de descendência paquistanesa. Embora o país onde a família Khan reside, Estados Unidos, seja reconhecidamente composto por moradores de diferentes raças/crenças/culturas, conforme mencionei anteriormente, o fato de sua família ter vindo de outro local, frequentemente, ocasiona conflitos culturais.

No quadrinho a seguir, evidencio um desses conflitos:

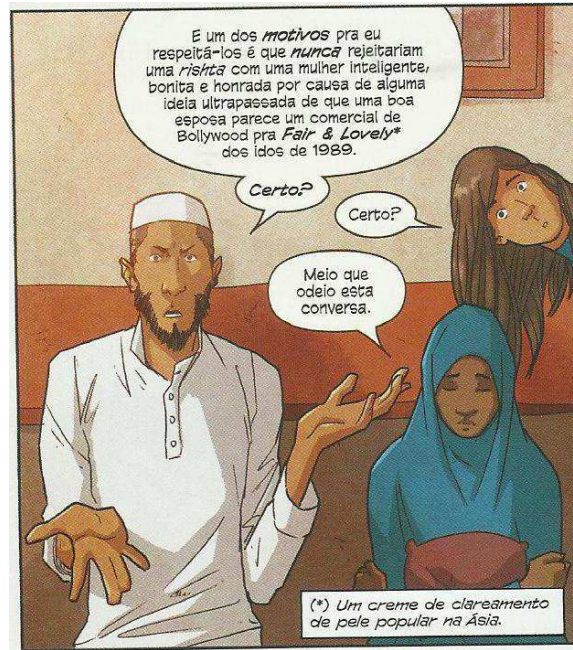


Imagem 11 – Conversa sobre o casamento de Aamir e Tyesha.¹⁶

Em um momento anterior ao quadrinho, Tyesha diz: “sei que provavelmente esperavam que Aamir se casasse com uma paquistanesa. Sei que não estavam esperando que ele trouxesse pra casa alguém como **eu**” (p. 81. Grifo da autora). Para a manutenção da tradição determinada por sua religião, a família Khan deveria escolher para o casamento alguém do mesmo local de suas raízes. Ao optar por alguém que não tem essa característica, Aamir foge do molde imposto. Além disso, a personagem feminina é convertida ao Islamismo, assim, alguém que não teve desde seu nascimento essa religião. Sua fala ainda representa a cor de sua pele, uma vez que Tyesha é negra.

Kamala e seu irmão aparentam espanto ao perceberem que os pais não são imediatamente favoráveis ao casamento, pois, aparentemente, levam em conta a cor da pele da possível futura integrante da família, algo que Aamir faz questão de destacar. Tyesha, agarrada a uma almofada, com os ombros curvados e com semblante triste, dá a entender que não é a primeira vez que sua raça fica em evidência.

¹⁶ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*, Panini Brasil, 2018.

No quadrinho abaixo, após conhecerem atributos agradáveis da moça, a família de Kamala recebe a família da futura esposa de Aamir, como pode ser observado:



Imagem 12 – Os pais do casal se encontram.¹⁷

As expressões das personagens são distintas umas das outras. A mãe de Tyesha parece tentar ficar “apresentável” para causar boa impressão. O pai da moça assume uma pose defensiva ao cruzar os braços, como se estivesse com dificuldade de aceitar a situação. O irmão dela mexe ao celular, demonstrando, assim, que não está realmente presente, ou que não se importa muito com aquele momento.

Do lado da família Khan, o pai de Kamala demonstra uma expressão serena, Aamir está de costas para o observador, mas o leitor pode interpretar sua surpresa a partir das pequenas linhas acima de sua cabeça; já a mãe dele demonstra um

¹⁷ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*, Panini Brasil, 2018.

semblante simpático. Apesar de falar mal do gosto que café – uma bebida que não tem o costume de tomar –, ela tenta agradar as visitas.

A cena harmoniza com o que Luciano Barbosa Justino (2015) entende como interculturalidade. Para ele, “o intercultural consiste no diálogo entre os modos de vida das multidões produzindo num espaço comum, mas que não é, *a priori*, comunitário, portanto não redutível ao conceito idealizante de povo” (JUSTINO, 2015, p. 115).

Partindo das compreensões aqui expostas, continuo analisando, no capítulo a seguir, a história da protagonista, dessa vez, em sua versão heroica.

CAPÍTULO 2 – PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, CONCILIAÇÃO DE IDENTIDADES E MISS MARVEL



Miss Marvel: Guerra Civil II.

Neste capítulo, apresento concepções como *diáspora*, *performatividade*, *fachada*, *corpo disciplinado* e *biopoder*, assim como alguns apontamentos a respeito da *literatura de multidão*. Em um momento seguinte, comento brevemente sobre a simbologia das cores.

2.1. DIFERENÇA E HEROÍSMO CLÁSSICO REPAGINADO

Kamala Khan/Miss Marvel precisa lidar com os dilemas que suas identidades a proporcionam. O enfrentamento e a conciliação das divergências de suas identidades demarcam uma personagem híbrida, que não é originalmente estadunidense nem muçulmana, pois não pertence exatamente aos moldes de uma ou outra identidade, embora tenha traços das duas e por isso precise lidar com elas.

Hall (2003) esclarece que “o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p. 33). Nesse contexto, as identidades

culturais de Kamala são construídas a partir das perdas e das transformações que uma identidade acarreta na outra, o que subverte os padrões culturais tradicionais incumbidos.

As diferenças são exaltadas também dentro do âmbito versão adolescente x versão super-heroína, dado que quando a personagem apresenta sua versão de super-heroína ou mesmo pensa a respeito dela, outras contradições são igualmente evidenciadas:



Imagem 13 – Kamala pensando sobre suas versões.¹⁸

Alain Touraine (2009) afirma que “não existe sujeito sem conflitos e mesmo sem defeitos. É isto, ainda que aqueles e aquelas que não foram ‘reconhecidos’ pelos outros e pelas instituições se afirmam eles mesmos” (TOURAINÉ, 2009, p. 162). A exemplo disso, em momentos como a cena em questão, Kamala Khan/Miss Marvel fala de si como alguém “exterior” a ela, uma segunda pessoa. A personagem coloca-se como incorporando duas *personas*, em que ela seria capaz de conscientemente alternar entre as duas personalidades por ela assumidas que englobam características predeterminadas para cada uma.

Essa condição identitária fragmentada é comum aos super-heróis, um resquício da epopeia, que, segundo Georg Lukács (2000), nessa era, em que a alma grega desejou grandeza, desdobramento, plenitude (LUKÁCS, 2000, p. 26), proporcionou o surgimento da narrativa de caráter heroico. Por essas características, apresentavam a reunião de deuses, mitos e heróis. Para Flávio R.

¹⁸ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*, Panini Brasil, 2018.

Kothe (1987), “o herói épico é o sonho de o homem fazer sua própria história” (KOTHE, 1987, p. 15), e, para isso, tinham o auxílio dos deuses sempre que necessário.

Angélica Soares (2007), ao citar Lukács, admite que a epopeia, que era “voltada para o destino de uma coletividade, não se manteve em nossa época, que se caracteriza sobretudo pelo individualismo e pelo investimento nos domínios do inconsciente humano” (SOARES, 2007, p. 42). Isso porque se iniciou a época do romance, em que se apresentava, de acordo com Willian Mendes Martins (2008), o elemento caracterizador da humanidade moderna: “a solidão da subjetividade consciente no indivíduo” (MARTINS, 2008, p. 267). Essa individualidade provocou a desarmonia entre o indivíduo e o mundo, o que ocasionou “a sensação permanente de desabrigo da alma” (MARTINS, 2008, p. 269).

Dessa forma, o herói moderno, problemático não projeta em algo/alguém suas orientações/salvamentos. Com isso, de acordo com Joseph Campbell (2007), “todos compartilhamos da suprema provação – todos carregamos a cruz do redentor –, não nos momentos brilhantes das grandes vitórias da tribo, mas nos silêncios do nosso próprio desespero” (CAMPBELL, 2007, p. 376).

Além da comentada fragmentação identitária frequente nos super-heróis, Kamala Khan também vivencia a solidão que essa fragmentação resulta. A personagem não se iguala a maioria de seus colegas com superpoderes, uma vez que não consegue ser heroína em tempo integral, pois lhe é necessário vivenciar as experiências do “cotidiano mundano”, e também não vivencia todas as experiências desse cotidiano, pois precisa vivenciar experiências em que seus superpoderes são requeridos. O mesmo ocorre em sua versão de “adolescente comum”: ela não se enquadra como totalmente norte-americana tampouco como totalmente paquistanesa, conforme comentei anteriormente.

2.2 A CONDIÇÃO HEROICA COMO PERFORMATIVIDADE

Bonnici define gênero como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (BONNICI, 2007, p. 127).

Refletindo também sobre o aspecto social, Judith Butler faz seu leitor repensar acerca do que se entendia como gênero e elucida da seguinte forma:

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história asoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo é confundido com um dado linguístico ou natural, o poder é posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de *performances* subversivas de vários tipos (BUTLER, 2011, p. 87. Grifo da autora).

Assim, a filósofa afirma que gênero são comportamentos impostos e demandam uma concepção de temporalidade social (BUTLER, 2011).

Para ela, o gênero é instituído como uma repetição estilizada de encenações de vários tipos, uma vez que ele é concebido por uma sequência de representações que ela chama de performatividade (BUTLER, 2017). Em *Problemas de gênero* (2017), a autora afirma que gênero é “*performativamente* produzido e imposto” (BUTLER, 2017, p. 56. Grifo da autora). Desse modo, gênero é um feito que pretende expressar fabricações de gestos, atos e atuações performativas que geram uma imagem do que é gênero. Assim, gênero são atos ensaiados. Em consequência disso, as possibilidades performativas não são algo inédito, mas acabam tornando-se uma nova experiência dentro do acordo social existente e, com isso, mantendo os atos de gênero nos moldes constituídos no tempo e espaço.

Indo ao encontro dessas ideias, Rosângela Rodrigues (2016) diz que “o gênero também é mutável, e sua fixação em um dos padrões existentes acontece por ele ser construído por atos de repetição das normas sociais, mas as normas mudam, se atualizam e se ressignificam, como qualquer linguagem” (RODRIGUES, 2016, p. 19).

No quadrinho a seguir, a performance apresentada por Miss Marvel se distingue dos moldes contemporâneos idealizados para a figura feminina:

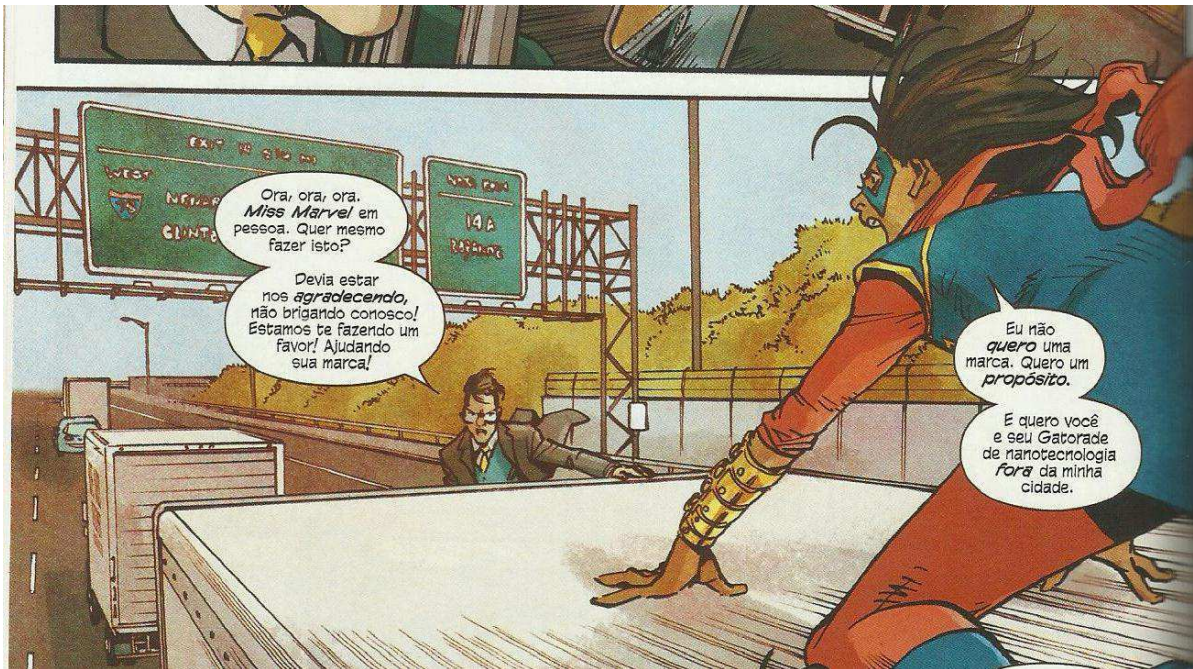


Imagem 14 – Miss Marvel estabelece o que quer para si e para a cidade.¹⁹

Na cena, Miss Marvel não segue os padrões socialmente impostos, no geral, às mulheres, pois se coloca, mesmo em um tom espirituoso, de modo decidido ao expor o que quer para si e para “sua cidade”.

No entanto, se hoje Miss Marvel é uma protagonista que se posiciona sobre seu querer, é porque muito foi mudado desde as primeiras aparições das mulheres nos quadrinhos, pois, durante algum tempo, às personagens femininas eram destinados papéis secundários que, em sua maioria, estavam constantemente em perigo, precisando ser salvas e dependiam de alguma personagem masculina, ou eram as vilãs que representavam desvios do padrão social idealizado, ou servindo ainda como motivação para a ação, ou como prêmio para o protagonista.

Diana, por exemplo, a princesa amazona conhecida como Mulher-Maravilha, a primeira super-heroína a obter sucesso e ter revista própria, é uma das mais famosas desde sua criação, no início da década de 1940, e nunca parou de ser publicada desde então. A personagem enquadra-se no que Wolf (2018) declara sobre uma linda heroína: “é uma espécie de contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e dinâmico, enquanto a ‘beleza’ é genérica, monótona

¹⁹ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

e inerte” (WOLF, 2018, p. 93). Sobre essa contradição presente na personagem, Oliveira (2007) sugere que:

O fato de uma garota possuir poderes, antes restritos aos protagonistas masculinos, deve ter atraído a atenção dos leitores, pois até então as personagens femininas eram dicotomicamente apresentadas e representadas. Mocinhas eram belas, mas frágeis; vilãs eram fortes e sensuais, porém más. A Mulher Maravilha era bela e forte, e talvez por isso mesmo se tenha tornado uma personagem bem-sucedida. (OLIVEIRA, 2007, p. 109)

Contudo, mesmo não tendo sido criada, inicialmente, para ser assistente – apesar de já ter sido designada por um dos super-heróis da Liga da Justiça²⁰ a ser secretária do grupo, o que a excluía de inúmeras batalhas –, ficar à sombra de uma personagem masculina, ser parceira, parente ou fã de um super-herói, ou mesmo *femme fatale*²¹, as representações da personagem variaram bastante ao longo de suas publicações. Suas histórias exaltavam a mulher como alguém forte, mas eram idealizadas para e sob o olhar masculino, assim, reproduzindo o que se entendia como feminino.

Criada pelo psicólogo William Moulton Marston sob um pseudônimo, a amazona nascida em Themyscira, a Ilha Paraíso habitada apenas por mulheres, assim, sem qualquer contato com o “mundo dos homens”, em seu primeiro contato com o outro gênero decide ir para os Estados Unidos para ajudar àquela nação a conquistar a paz e a justiça.

Trajando um uniforme com as mesmas cores presentes nos trajes da atual Miss Marvel e Capitã Marvel, a vestimenta da Mulher-Maravilha representa a bandeira dos Estados Unidos e faz mais uma alusão a esse povo ao ter uma águia na região do peito, símbolo da identidade nacional do país. Como acessórios, a personagem usa uma tiara mágica, braceletes indestrutíveis, espada e o laço mágico/da verdade, todos carregados de significados. Como mencionei anteriormente, a vestimenta é simbólica e “nos quadrinhos, assim como acontece nos filmes, objetos simbólicos não narram apenas, mas ampliam a reação emocional do leitor” (EISNER, 2005, p. 26).

²⁰ Grupo de super-heróis da *DC Comics*.

²¹ Informações citadas em: LANGLEY, Travis; WOOD, Mara. *A psicologia da Mulher-Maravilha*. Única, 2018, p. 24.

Na história da princesa amazona, a escolha pelas cores de seu uniforme e a águia, signo de coragem e força, despertam identificação do leitor com a personagem. Seu amor por um homem, o Steve Trevor, responsável por seu primeiro contato com o “mundo dos homens”, objetivava torná-la mais humana, assim, mais “próxima” de seu público leitor.

Por conta da época de sua criação – Segunda Guerra Mundial –, suas histórias, inicialmente, focavam em temáticas como a guerra e buscavam destacar a força da mulher, mas exploravam o físico feminino, o que foi agravado após a morte de Marston, criador da personagem.

Com os avanços nas lutas por direitos civis, as representações das mulheres em diferentes produtos midiáticos passaram a ser cada vez mais discutidas. A personagem, reconhecida como ícone feminista, não ficou de fora desses discursos.



Imagens 15 e 16 – Primeira edição solo de Mulher-Maravilha e edição 9 de revista mensal de Mulher-Maravilha, respectivamente.²²

²² Fontes: *A história secreta da Mulher-Maravilha*, 2017 e *Mulher-Maravilha 9*, 2017, DC Comics.

Quando surgiu, suas vestimentas provocaram polêmica, pois, apesar de ter tido versões (inclusive atuais) com uniformes ainda menores, o tamanho da vestimenta da personagem para a época era escandaloso. As diversas transformações que acompanharam a guerreira ao longo dos anos devem-se em parte às questões ligadas às discussões a respeito dos direitos das mulheres. Assim, a personagem forte, corajosa, sábia e justa, mas que lembrava uma *pin-up*, foi sendo modificada, reproduzindo e reforçando representações conforme o imaginário do que era considerado feminino na sociedade de cada época. Essa ligação entre a personagem, o que estava acontecendo durante a época de sua criação e as mudanças socioculturais desde então é também destaque no início do livro *A história secreta da Mulher-Maravilha*, de Jill Lepore (2017):

A Mulher-Maravilha não é apenas uma princesa amazona que usa botas fabulosas. Ela é o elo perdido numa corrente que começa com as campanhas pelo voto feminino nos anos 1910 e termina com a situação conturbada do feminismo um século mais tarde. O feminismo construiu a Mulher-Maravilha. E, depois, a Mulher-Maravilha reconstruiu o feminismo – o que nem sempre fez bem ao movimento (LEPORE, 2017, p. 14).

2.3 REPRESENTAÇÕES E O IMAGINÁRIO DE CADA ÉPOCA

Barcellos (2000) afirma que “dos cenários aos enredos, passando pelos personagens, tudo nas histórias em quadrinhos pode ser visto como uma apropriação imaginativa de conceitos, valores e elementos que foram, são ou podem vir a ser aceitos como reais” (BARCELLOS, 2000, *on-line*). Ideia também defendida por Oliveira (2007). Para ela:

Protegidos pela tinta e pelo papel, os personagens das histórias em quadrinhos materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvinculado do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes (...) Assim, as histórias em quadrinhos convertem-se em possibilidades de naturalização de valores, modelos e paradigmas que são decalcados na memória coletiva sob a forma de representações, que são absolvidas como normas e verdades (OLIVEIRA, 2007, p. 23).

Assim, para a autora, essas representações – masculinas e femininas – não são fixas, elas arranjam e desarranjam (OLIVEIRA, 2007, p. 142), conforme

exemplificado a partir de diferentes transformações de Carol Danvers e Diana ao longo das décadas segundo o imaginário popular de cada época.

Sobre essas mudanças de caracterização de personagens, Siqueira e Vieira (2008) afirmam que “nos quadrinhos contemporâneos, ocorre um reposicionamento da mulher, de dona de casa ou ‘mocinha em perigo’ a mulher emancipada” (SIQUEIRA e VIEIRA, 2008, p. 195), retratando, de certo modo, o imaginário contemporâneo do que é entendido como feminino. É nesse contexto que surgem personagens como Kamala Khan, uma adolescente que não aceita seguir com os padrões impostos ao seu gênero, que questiona os moldes vigentes.

2.4 AS IMAGENS E AS CORES

As imagens fazem parte do cotidiano de muitas pessoas. Estão presentes nas mais diversas esferas, desde a pré-história até a Arte Digital, última arte classificada, conhecida como a 11ª Arte. O reconhecimento de uma imagem acontece de forma instantânea. Já a cor, composição também importante no cotidiano de muitas pessoas, é o elemento de *design* que mais transmite o tom, a sensação, a emoção e a ideia de uma cena, assim, é impregnada de informação. Para exemplificar a relevância e capacidade de armazenamento de dados desses dois elementos, trago o quadrinho a seguir:

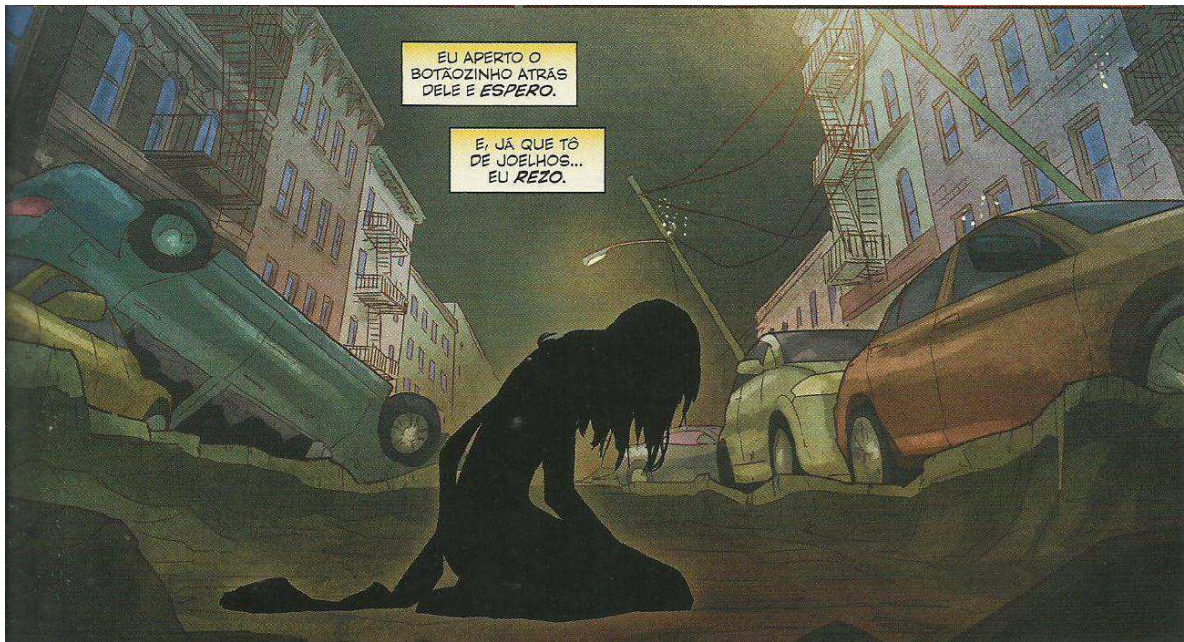


Imagem 17 – Silhueta de Miss Marvel.²³

Anteriormente comentei sobre o ângulo levemente de baixo para cima trazido na capa do quadrinho em análise. Na ocasião, indicava grandeza. Outro ângulo levemente de baixo para cima é utilizado no quadrinho em destaque, porém, dessa vez, trazendo uma ideia contrária.

Após muito tentar salvar “sua cidade”, Miss Marvel falha. O ângulo levemente tortuoso, o que provoca certo desconforto ao leitor, que a partir de um ponto próximo ao chão mostra em primeiro plano a personagem e incorpora ainda para a cena os prédios atrás dela, representam a pequenez sentida pela personagem. O estado da rua em que se encontra, o buraco onde a personagem se ajoelhou, postes de iluminação próximos da queda e carros revirados demonstram a seriedade da situação que fugiu ao seu controle.

Destaco também a posição escolhida para retratar a heroína, pois é significativa: no geral, estar de joelhos representa um gesto de humildade, obediência, submissão e/ou penitência. O que seria uma prática comum para a personagem em momentos dedicados à adoração torna-se ainda mais simbólico, pois acontece em um instante em que ela está como super-heroína, desse modo,

²³ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

enquanto alguém a quem não seria compatível as características associadas ao gesto.

Sobre a coloração da cena, foi escolhido utilizar tons próximos, como se envelhecidos. O destaque nesse quesito é a cor amarela, oriunda dos postes de luz que iluminam ao redor da personagem, e a cor preta – que, tecnicamente, não é uma cor, uma vez que é a ausência de luz, sendo, por essa perspectiva, uma sensação acromática –, que ocasiona sua silhueta.

Além da impossibilidade do leitor conseguir alguma informação sobre a personagem através de suas feições, as duas cores em destaque produzem algumas associações que reforçam as interpretações que fiz há pouco: o ambíguo – termo utilizado por Eva Heller (2013) – amarelo, que, juntamente com o corpo da heroína voltado para o chão, pode significar a melancolia que a personagem sente. O preto também corrobora para esse tipo de leitura, pois – levando em consideração que o significado de uma cor, tendo em mente sua psicologia, depende do contexto em que ela é percebida –, dentro do Ocidente é comum a associação do preto com a melancolia e outras representações negativas.

Heller (2013) ainda faz o seguinte comentário sobre as duas cores juntas:

No simbolismo das cores, a todo pecado, a toda característica negativa corresponde o preto. O amarelo puro, cor da iluminação, quando combinado com o preto, torna-se a cor simbólica do impuro. O amarelo da inteligência se turva, transformando-se na cor da falta de discernimento (HELLER, 2013, p. 89).

Esse quadrinho se destoa da capa também porque nela são apresentadas cores reconhecidas como quentes: a cor laranja do entardecer e a vermelha presente no uniforme da personagem junto ao seu tom de pele são uma combinação de cores análogas e de proximidade de cor/luz, que transmitem energia, algo avesso ao momento retratado.

2.5 O UNIFORME E A SIMBOLOGIA DAS CORES

Quando se pensa sobre emoções e humanos, como apresentei anteriormente, uma cor pode produzir muitos efeitos, assim, a partir do quadrinho abaixo, destaco o que cada cor presente no uniforme de Miss Marvel pode representar:



Imagem 18 – Miss Marvel pondera sobre sua representação.²⁴

A cor azul, presente no *burkini*, é citada por Heller (2013) como uma cor da confiança, da amizade, da simpatia, da fidelidade, principal cor das virtudes intelectuais e pode ser percebida como fria (HELLER, 2013). Por outro lado, o vermelho, também presente no *burkini*, representa calor, fogo, paixão e até ódio, perigo, correções, sangue, justiça, a cor da guerra e da força (HELLER, 2013). E por último, em menor destaque, encontra-se ainda o amarelo, simbolicamente a cor do otimismo, da alegria, do entendimento, da inteligência, da luz, da espontaneidade, da impulsividade, mas também dos desprezados, da inveja, irritação, egoísmo, hipocrisia (HELLER, 2013). Por isso a autora classifica-o como ambíguo.

²⁴ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

Como informei anteriormente, a vestimenta de uma personagem é repleta de informações sobre ela, assim, ao ter cores tão opostas em seu uniforme, são transmitidas para o leitor as identidades não necessariamente consoantes que Miss Marvel traz consigo.

No quadrinho, Miss Marvel pondera sobre o que ser a super-heroína que ela se tornou representa. As três personagens apresentam cores próximas/em comum, como para representar a harmonia do momento.

2.6 A HEROÍNA E SUA CIDADE

A personagem é ciente de que poucas pessoas além dela se preocupam com a cidade onde ela mora, como escolhi para ilustrar os seguintes quadros:



Imagem 19 – Miss Marvel enfrenta vilões.²⁵

²⁵ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

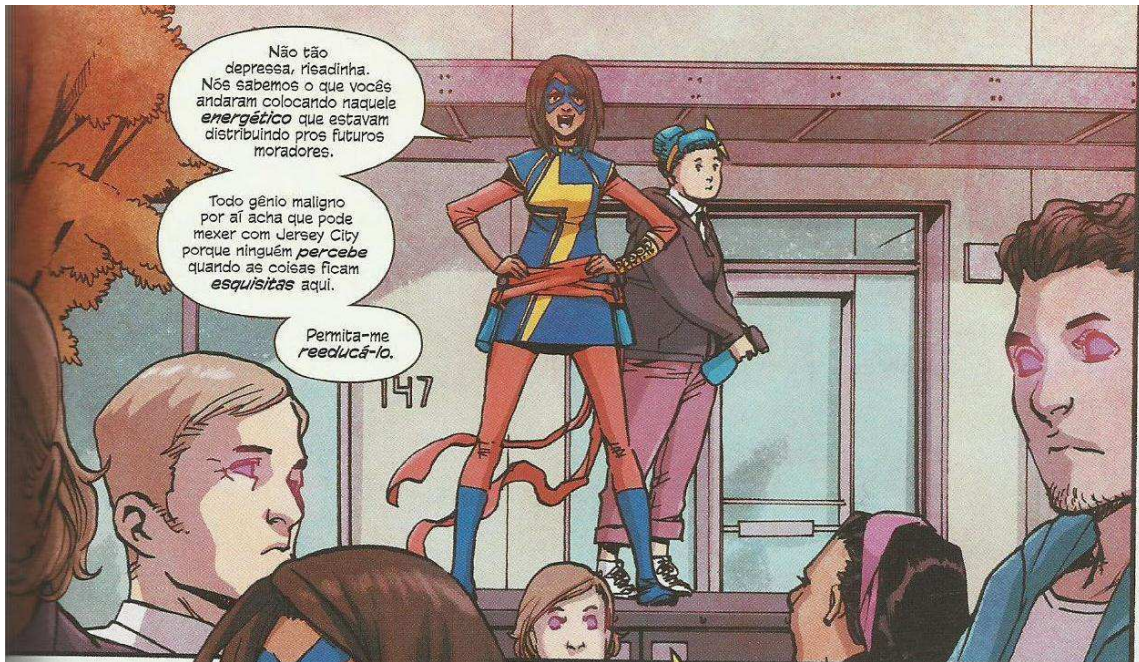


Imagem 20 – Miss Marvel ajuda sua cidade.²⁶

No primeiro quadrinho, a heroína, envolta pelos vilões, descobre que “sujar” sua imagem para a cidade fazia parte de um plano de dominação. No segundo quadrinho, percebe-se Miss encenando uma clássica pose heroica – com cada mão tocando um lado de seu quadril – junto de sua inesperada assistente visivelmente desconfortável com a situação.

Erving Goffman (2011) afirma o seguinte:

A execução de uma prática apresenta, através de sua fachada, algumas exigências um tanto abstratas em relação à audiência, que provavelmente lhe são apresentadas durante a execução de outras práticas. Isto constitui um dos modos pelos quais uma representação é “socializada”, moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada (GOFFMAN, 2011, p. 40).

A partir disso, a pose da protagonista ou a fachada – que Goffman (2011) entende como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 2011, p. 29) – apresentada por ela é algo de conhecimento comum para a audiência a quem ela se direciona.

²⁶ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

Para os quadrinhos aqui trazidos ressalto o comprometimento da personagem para com a cidade onde mora. Ela tem consciência de que é uma cidade esquecida por outros superpoderosos, pois “esse troço de super-herói” é tido como se exclusivo para “**Nova York**, onde é o lugar dessas coisas” (p. 127. Grifo da autora). Embora a cidade de Jersey faça divisa com a cidade citada, o entendimento coletivo nesse universo fictício é de que as pessoas não comuns fora da cidade de Jersey não se importam com o que acontece por lá. Pensamento também encontrado nos vilões.

2.7 ATIVIDADE EXTRACURRICULAR: VINGADORA

Miss Marvel é uma das mais jovens integrantes na equipe de Vingadores e quer mostrar que é tão competente quanto os demais membros da equipe. Mas, diferentemente da maioria deles, Kamala não pode dedicar-se integralmente a essa profissão, pois é uma garota que precisa frequentar e participar das atividades escolares, assim como as de sua religião e ainda manter uma boa relação com seus familiares e amigos. Mesmo tendo, em diversos momentos, provado ser capaz, por vezes a personagem é vista como alguém em quem os outros heróis ainda depositam incerteza sobre sua competência:



Imagem 21 – Miss Marvel decepcionada consigo.²⁷

Como o leitor pode observar, os quadrinhos representam alguns dos Vingadores indo ao encontro de Miss Marvel e vilões. O observador opta por mostrar a cena do último quadrinho por um ponto de vista que valoriza os outros Vingadores, o que é acentuado pelo posicionamento em que se encontram. Algo que não acontece com Miss Marvel, que está com os ombros curvados, os braços cruzados, as pernas voltadas uma para a outra, expressão que mescla cansaço com feição

²⁷ Disponíveis em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

voltada para baixo, além de arranhões por sua pele, rasgos em seu uniforme e até um galho de árvore preso em seus cabelos.

Os balões podem influenciar ainda mais um sentimento de comiseração do leitor pela heroína, pois os demais Vingadores demonstram que a consideram “menor” que eles. As legendas demonstram que a heroína é consoante com a atitude deles, pois também não está satisfeita consigo.

Esses quadrinhos simbolizam o que Justino (2015) chama de literatura de multidão. Nela, “o diálogo com a cultura de massa é mais recorrente” (JUSTINO, 2015, p. 143). Dessa forma, essas narrativas são possuidoras de aspectos discursivos que representam a vida em diferentes campos, como o biopolítico. Assim, as tradicionais esferas da vida são entendidas enquanto integradas. Para o autor, elas “são narrativas de encontros com a alteridade, não raro com as pechas do preconceito e da exclusão” (JUSTINO, 2015, p. 144). Desse modo, o autor dialoga com o que Ludmer chama de literaturas pós-autônomas. Ele também esclarece que “parte considerável dos textos que se produzem hoje sob o rótulo de literatura não podem ser reduzidos a uma leitura literária” (JUSTINO, 2015, p. 169).

Nessa relação de cultura e escrita que o autor aponta, Miss Marvel representa o “homem comum”, em que é retratado algo do cotidiano comum: na imagem, suas expectativas para si não estarem sendo alcançadas. Além disso, a personagem apresenta-se em posição de inferioridade com relação aos demais, embora seja dela o destaque em cena.

A personagem, sobrecarregada e frustrada por não conseguir conciliar as diferentes atividades assumidas, recebe uma sugestão de seu melhor amigo, conforme evidencio a seguir:



Imagem 22 – Bruno sugere que Kamala desista dos Vingadores.²⁸

No quadrinho, o garoto expressa que Kamala deveria deixar de fazer parte do grupo de super-heróis, algo que representa conformismo e seguimento da tradição. Cumprindo isso, Kamala se tornaria o que Michel Foucault (2014) denomina como um corpo disciplinado. Nas palavras do autor:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação, calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2014, p. 135)

Assim, ao recomendar que Kamala deixe o grupo, Bruno ressalta a manutenção da performatividade a qual o gênero da garota é encarregado. Para Rodrigues (2016), a concepção de performatividade para Judith Butler é uma atualização do que Foucault classificava como biopoder (RODRIGUES, 2016, p. 28).

Tornando-se um “corpo disciplinado” / reproduzindo as encenações performáticas vigentes, Kamala estaria concordando em se anular, abdicando de seu poder, de acordo com o que Pierre Bourdieu (2002) aponta a seguir:

²⁸ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

Simbolicamente votadas à resignação e à discrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração (com eminências pardas) (BOURDIEU, 2002, p. 21).

Kamala não aceita anular-se, e, com isso, não se conforma em seguir ao que socialmente é entendido como “papel feminino”.

2.8 CONFRONTAÇÃO E ENTRELAÇAMENTO

Buscando salvar a cidade da mais recente ameaça Miss Marvel se questiona sobre sua “vida dupla” e as consequências dela, conforme o quadrinho abaixo retrata:



Imagem 23 – Kamala Khan refletindo sobre suas versões.²⁹

Na cena, as legendas demonstram os conflitos de identidades que a personagem enfrenta. Nelas, a protagonista dá a entender a importância do que é ser super-heróína para ela, uma vez que indica querer abdicar de sua “vida comum” para se tornar heroína em tempo integral. Da forma como a personagem coloca, é como se sua vida comum dificultasse seu desempenho como heroína. Tornando-se heroína por inteiro, a personagem teria a oportunidade de enquadrar-se em um grupo, de não ser diferente dos demais. Teria ainda a chance de ser reconhecida por aquilo que faz e que gosta de fazer.

²⁹ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

Além disso, a personagem reproduz ainda questionamentos típicos da adolescência, nos quais se pergunta quem ela é e quem ela quer ser.

A cabeça baixa, sobrancelha franzida, boca levemente voltada para baixo e um brilho no olho que lembra um choro, além do punho cerrado configuram a tristeza que a crise de identidade da personagem acarreta, o que é enfatizado pela cor amarela ao fundo, que, conforme mencionei anteriormente, na simbologia das cores, pode ser indicativo também de melancolia.

Em outro momento o fundo amarelo reaparece. Parecido com o quadrinho anterior, visualmente e trazendo questionamentos também, dessa vez, a personagem se apresenta enquanto super-heroína:



Imagem 24 – Miss Marvel se questiona sobre seu papel de super-heroína.³⁰

Na cena em questão, a protagonista reproduz um dilema clássico do herói da epopeia, em que ele tinha a incumbência de salvar seu povo/cidade/país.

No quadrinho, Miss Marvel aparece com alguns arranhões e rasgos no uniforme, o que indica que ela esteve em uma luta recentemente. Como os questionamentos continuaram após sua luta, o leitor pode entender que a heroína não saiu vitoriosa e não tem certeza se isso ainda acontecerá. O semblante assustado reproduz também a preocupação que a personagem sente.

Após as dúvidas que acompanharam a personagem, ainda com a cor amarela ao fundo em um dos quadros, característica presente em momentos de impacto na

³⁰ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

narrativa, a personagem assume um importante posicionamento chegando ao final do encadernado, conforme pode ser acompanhado a seguir na última imagem que seleciono:



Imagem 25 – Miss Marvel aceita sua condição.³¹

Touraine (2009) afirma que “construir-se a si mesmo como sujeito é o objetivo principal de nossa cultura” (TOURAINÉ, 2009, p. 162). A imagem acima manifesta que Miss Marvel atingiu esse objetivo, pois, diferentemente dos últimos quadros aqui expostos, no primeiro quadro da recente imagem, a personagem aparece com um semblante mais leve, um olhar determinado e um sorriso ainda que discreto. Além disso, as linhas brancas que acompanham os fundos amarelos dos outros quadros mudaram de direção e estão surgindo como se o centro delas estivesse atrás da personagem e continuasse expandindo.

³¹ Disponível em: *Ms. Marvel: superfamosa*. Panini Brasil, 2018.

Já o segundo quadrinho, possibilita que o leitor observe o cenário ao redor. A rua desta vez não está tortuosa, os postes de iluminação estão em seus devidos locais, civis acenam para Miss Marvel, tudo está em seu lugar. Algo que concorda com o que está acontecendo internamente com a personagem.

Miss Marvel, sem mais ajuda de algum super-herói, corre sozinha para uma direção contrária – como que dando as costas às exigências impostas –, distanciando-se da cena, do observador e do leitor. Ela faz isso sendo guiada pela lua, astro que é associado ao feminino e que também é símbolo de transformação/renovação.

Nas legendas, o leitor acompanha a tomada de consciência da personagem e sua aceitação sobre quem realmente é, assim, libertando-se de sua identidade fragmentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os quadrinhos serem um gênero amplamente divulgado e aceito, as pesquisas que partem deles ainda são restritas. As análises sobre eles com super-heroínas protagonistas são praticamente escassas, e em uma considerável parte dessa pequena parcela há predominância do estudo sobre a ainda objetificação da personagem feminina existente no gênero.

Assim, com a presente pesquisa procurei contribuir com mais possibilidades de espaços para os estudos acadêmicos de quadrinhos de super-heroínas enquanto personagens principais. Procurei ainda destacar a relevância da discussão sobre questões de gênero que norteiam os atuais estudos sobre mulheres na literatura, bem como evidenciar a literatura contemporânea.

O mercado dos quadrinhos expande-se cada vez mais com a circulação de seu conteúdo em diferentes formatos/suportes. Quadrinhos como os de Miss Marvel tornam ainda mais tênue o limite entre o infantil/juvenil/adulto. Uma vez que o senso comum ainda entende a mídia como criada exclusivamente para o público infantil/semianalfabeto; a personagem por ser adolescente pode fazer com que se pense que seu público-alvo é o também adolescente; por falar de temáticas delicadas e de forma natural, pode-se entender que é destinado ao público adulto. Independentemente da idade do leitor de Ms. Marvel, todos ganham com as oportunidades para reflexões presentes no quadrinho.

Ao reproduzirem representações do que o imaginário de cada época entende como sendo próprias de cada gênero, os quadrinhos, bem como demais meios de comunicação, (re)produzem modelos e valores característicos da época de cada criação. Assim, representam a realidade ou o que pode vir a/deseja-se ser realidade.

A nova Miss Marvel, personagem que pode ser ligada às minorias, e que, em suas séries solo demonstra discursos fortes, representantes dos dias atuais, não se enquadra aos moldes vigentes. Seja como garota, estadunidense “típica”, muçulmana tradicional ou super-heroína. Esse é um dos possíveis motivos que fazem a personagem ter tanto sucesso: é alguém pertencente ao feminino que subverte as normas. Embora busque adequar-se em muitos aspectos, Kamala Khan

não aceita os papéis a ela determinados, criando para si sua melhor versão daquilo que aprende e entende como pertencente a ela.

A roteirista traz para a história questões que poderiam ser delicadas – tais como a religião da família Khan, sua raça, ou a dos novos personagens introduzidos na série, a comunidade LGBTQ+, pessoas que não vestem os manequins pertencentes aos “padrões” vigentes – de forma sutil, mas demonstrando que essas são apenas algumas das características que certas pessoas podem apresentar.

Kamala Khan/Miss Marvel é um importante exemplo de inspiração para o público – principalmente feminino, ou pertencente à outra minoria – que a conhece/pode tornar a conhecer a protagonista. Usando o bom humor como mais um de seus superpoderes, a personagem não demonstra ter medo de enfrentar seus desafios nem vergonha do que precisa ser feito. Aceitando que ainda está aprendendo, a personagem concorda que a ajudem sempre que preciso.

Fazendo tudo o que pode por aquilo que/aqueles em quem acredita, a protagonista mostra-se muito humana, isso faz com que o leitor, no geral, consiga se identificar com a personagem e/ou sentir que ele próprio pode ser capaz de grandes feitos, tal como a super-heroína.



REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Janice Primo. O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte 1: a mulher pelos olhos dos homens. In: *Agaquê*: Revista eletrônica especializada em histórias em quadrinhos e temas correlatos, v. 2, n. 4, nov. 2000. Disponível em: <www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm>.

Acesso em: 22 jan. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista*. Maringá, PR: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. Actosperformativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica*. Minho: Universidade do Minho/Edições Húmus, 2011.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e semiótica*. 1. ed. – São Paulo: Criativo, 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAPITÃ Marvel 1: a heroína mais poderosa da Terra!. Barueri, São Paulo: Panini Brasil, 2014.

CAPITÃ Marvel 3: inimigo interior!. Barueri, São Paulo: Panini Brasil, 2014.

EISNER, Will. *Narrativas gráficas*. São Paulo: Devir, 2005.

_____. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. 4. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 18. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: Stuart Hall; Kathryn Woodward. Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. 1. ed. – São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUSTINO, Luciano Barbosa. *Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente*. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2015.

KLAWA, Laonte; COHEN, Haron. Os quadrinhos e a comunicação de massa. In: Álvaro de Moya (org.). *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1977.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2. ed. – São Paulo: Editora Ática, 1987.

LANGLEY, Travis; WOOD, Mara. *A psicologia da Mulher-Maravilha: descubra as virtudes da maior super-heroína que conhecemos*. São Paulo: Única, 2018.

LEPORE, Jill. *A história secreta da Mulher-Maravilha*. 1. ed. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. Tradução de Flávia Cera. In: *Sopro*. n. 20, jan. de 2010. (Publicado originalmente em *Ciberletras – revista de crítica literária y de cultura*. n. 17, jul. de 2007.) Disponível em:

<<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas.html>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MARTINS, Willian Mendes. A modernidade e a teoria do romance de G. Lukács. In: *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 8, n. 3, p. 263-273, 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/200/178>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda., 2005.

MS. MARVEL: superfamosa. Barueri, São Paulo: Panini Brasil, 2018.

MS. MARVEL: Guerra Civil II. Barueri, São Paulo: Panini Brasil, 2018.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em Literatura: atitudes e procedimentos. In: Hélder Pinheiro (org.). *Pesquisa em Literatura*. 2. ed. – Campina Grande, PB: Bagagem, 2011.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

RODRIGUES, Rosângela. *Mulheres e amores em ficções de autoria feminina*. Campina Grande, PB: EDUFCG, 2016.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; VIEIRA, Marcos Fábio. De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos. In: *Revista Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 179-197, jul. 2008. Disponível em:

<<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/132/133>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7. ed. – São Paulo: Ática, 2007.

TOURAINÉ, Alain. *Pensar outramente – o discurso interpretativo dominante*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.